

GAZETA MERCANTIL

Ricos e pobres; elite e povão; a bolha social

*Economia
Brasil*

Frederico Bussinger

"O sonho acabou!"(?) John Lennon. Ao ingressar na universidade, no final dos anos 60, marcaram-se os planos plurianuais, o projeto da Sudene e as idéias da Cepal que, finalmente, traziam até a América Latina o planejamento. Mais que isso, traziam a esperança de que havia então um caminho de crescimento e transformação capaz de reduzir o abismo que havia entre nós e os países desenvolvidos e entre as diversas regiões e classes sociais do continente. Refletindo essa esperança, até o linguajar foi alterado: de "países subdesenvolvidos" passamos a ser "países em desenvolvimento", expressão mais adequada à idéia de processo e de que este seria inexorável e sem retorno.

Regresso agora do IV Congresso Latino-americano de Transporte Público, realizado em Havana, durante o qual as diversas delegações relataram um intrigante fenômeno que vem ocorrendo em quase todas as médias e grandes cidades do continente: uma redução relativa (e, em alguns casos, absoluta) do uso dos transportes coletivos públicos acompanhada por aumentos de deslocamentos a pé. Além disso, verifica-se, também, um crescimento da participação do transporte individual e do uso de transportes coletivos privados (tipo fretamento) e dos tipos "seletivo", "executivo" e se falou, até, em um "super-executivo"(!?).

Qual a natureza desse fenômeno se o número total de deslocamentos segue crescendo? Nada claro ainda, mas, aparentemente, muitos dos antigos usuários de transportes coletivos se fizeram andarilhos, enquanto um certo contingente trocou o transporte individual, uma parte pelo transporte coletivo privado ou especial e outra pelo público, ocupando uma parcela dos lugares deixados pelos novos andarilhos.



distintos, tivesse sido abandonado e, em seu lugar, sido silenciosamente posto em marcha um projeto de tornar as conquistas da sociedade moderna acessíveis a apenas 30, 20, 15, 10% ou menos da população, vivendo, para isso, uma autêntica "bolha social".

Ricos e pobres; elite e povão; "dois Brasis": sempre os tivemos, de conhecimento geral e, até por isso, com elaboradas teorias a justificar-lhes a existência e a inevitabilidade. O novo quadro atual é, além da sua exacerbação quantitativa, que essa segregação, agora também física, a bens, serviços e equipamentos sociais nos vai fazendo conviver tranqüilamente com esse "apartheid social", alheios à sua existência ou quase convencidos de que ele de fato não existe... talvez anestesiados pelos meios de comunicação, particularmente a TV, que evita reportagens e novelas que possam refletir sua real dimensão. Pobreza? Miséria? Só se contextualizada décadas atrás, ou no século passado. Teorias justificadoras? Já não são mais necessárias! A maioria das em moda trata, apenas, de questões-meios ou instrumentais, travestidas de finalísticas...

É importante observar que tal realidade não tem atingido apenas países tradicionalmente atrasados da América Latina, incluindo, também, agora, alguns que já ostentaram razoável grau de desenvolvimento e equilíbrio social, como Uruguai, Chile, Argentina e Costa Rica.

No caso brasileiro, essa "bolha" pode ser quantificada: dos 150 milhões de brasileiros, 15 milhões (aproximadamente a população da Grande São Paulo) vivem com uma renda per capita anual de US\$ 10.780, renda similar à de ingleses e italianos. Desse, mais da metade vivem com a RPC dos alemães (US\$ 14.460), dos quais 5 milhões com a dos americanos (US\$ 18.430) e 3 milhões com a dos suíços (US\$ 21.250). Além desses, outros 15 milhões vivem com uma RPC de US\$ 6.496, nível de Espanha e Israel.

E como explicar seu inesperado surgimento? Maior preocupação com a ecologia ou com a saúde? Ocupação mais ordenada do solo e melhor organização da vida urbana? Enriquecimento generalizado? Hipóteses pouco prováveis! Mais razoável é supor que tal fenômeno está correlacionado com a redução do envolvimento institucional e financeiro dos governos no setor, ocorrido nos últimos anos, através da adoção de programas de "realismo tarifário", desestatização e privatização. Esses, combinados com reduções reais de salários, verificadas em quase todos os países latino-americanos, fizeram com que o uso regular dos transportes coletivos públicos tivesse sua participação nos orçamentos familiares aumentada para 15%, 20%, 30% e, foi nos reportado, até mais.

Ocorreu-me, e já no congresso intervim nesse sentido, que o transporte coletivo não é o único bem ou serviço, normalmente pensados como públicos, cujo acesso vai-se tornando cada vez mais difícil para uma parcela crescente da população, em alguns casos por barreiras apenas econômicas mas, em outros, também agora por barreiras físicas e sociais.

Para uma parcela pequena da população, por outro lado, cresce a adoção dos condomínios fechados como opção habitacional (uma solução que privatiza vários equipamentos urbanos e não apenas o lote); das seguranças privadas; das previdências privadas; da freqüência aos shopping centers (uma mescla de abastecimento e lazer seletivos); da "igreja eletrônica" e dos clubes (formas de privatizar e individualizar atividades antes coletivas e públicas)... só faltando a esse grupo criar processos que lhe permitam purificar privadamente o ar poluído e reequilibrar segmentadamente o meio ambiente, o que, se conseguido, certamente o poupará de se envolver com mobilizações político-sociais em torno dos únicos problemas coletivos que ainda o têm sensibilizado.

Ao descrever esse quadro, lembrei-me de um famoso artista internacional que usa luvas para não se contaminar com os outros ou de pessoas que passaram a viver em "bolhas sanitárias", com a mesma finalidade. E como se o sonho dos anos 50 e 60, de que seria possível reduzir as diferenças internacionais e social e levar o bem-estar a todos, ainda que em graus

surpreendente? E mais, do ponto de vista econômico, esses 10% de brasileiros se apropriam de mais de US\$ 160 bilhões por ano, mais que todo o PIB da decantada Suécia (US\$ 135 bilhões). E, assim, pois, gerada a demanda que provoca congestionamento em aeroportos e estradas em fins de semana prolongados; cria dificuldades para reservas de passagens ao exterior ou em hotéis e casas de veraneio; produz filas nas churrascarias e congestionamentos em cercanias de boates, teatros e casas de shows; promove circulação frenética nos shoppings e espera para aquisição de carros novos ou consulta a médicos especializados, criando, assim, a dúvida se a propalada "crise" existe mesmo ou não.

É lógico que a reversão desse quadro interessa, primeiramente, aos 30 milhões de brasileiros que vivem com a RPC do Haiti ou do Sudão (cerca de US\$ 350), dos quais entre 5 e 8 milhões sobrevivem com a RPC de Bangladesh ou Etiópia (da ordem de US\$ 140). Mas tal reversão pode vir a interessar, também, aqueles que vivem dentro dessa "bolha social".

A existência e consolidação dessa "bolha" criam, por simetria, uma "antibolha", a dos que vivem nesse limiar de miséria, entre resquícios da sociedade primitiva e resíduos da sociedade industrial. Essa "antibolha", se consciente e orgânica, pode promover, socialmente, fenômeno sucedâneo ao "matéria-antimatéria-buraco negro" na física, tal qual tem ocorrido ultimamente em países onde um injustificado atraso ou odiosos contrastes e privilégios se tornaram insustentáveis. Nessas sociedades, independentemente de considerações filosóficas ou religiosas, a mera apropriação de uma renda similar a suíços, americanos ou espanhóis não garante, automaticamente, tranqüilidade e o desfrute irreversível de um padrão de vida equivalente...

A que nos propomos na década que se inicia: a nos tornar a 10ª, 8ª, 6ª economia do mundo? A legar como contribuição à ciência social do terceiro milênio a recriação das castas? A sonhar os sonhos dos anos 50 e 60?... Ou isso será privilégio, apenas, de húngaros, checos e romenos?

Frederico Bussinger é engenheiro, ex-diretor de operações do Metrô/SP e presidente do Confea (Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia).